

Pesquisa analisa doação de órgãos a partir da perspectiva dos familiares

Ainda que não tenham atingido proporção suficiente para atender o número de pacientes em fila de espera por um transplante, as taxas de doação de órgãos cresceram nos últimos anos, em diversos países. Uma pesquisa realizada na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp identificou vivências e sentimentos dos familiares frente a esse processo, e observou que as campanhas de incentivo à doação, o momento de comunicação da morte encefálica do paciente e o suporte sócio-emocional aos entes queridos são fatores que pesam no momento de se decidir ou não pela doação dos órgãos.

“Nosso principal objetivo foi identificar as vivências e sentimentos dos familiares de doadores em uma unidade transplantadora, frente ao processo de doação de órgãos”, explica a assistente social Marli Elisa Nascimento Fernandes, responsável pelo estudo qualitativo – realizado de março de 2012 a junho de 2013 – sob a orientação da médica cirurgiã e professora do Departamento de Cirurgia da FCM, Ilka de Fátima Santana Ferreira Boin e coorientação da assistente social Zélia Zilda de C. Bittencourt.

Ao todo, 12 familiares foram entrevistados. Depois de transcritas e analisadas a partir de quatro categorias temáticas, as respostas dos participantes trouxeram à tona impressões dessa experiência de doação de órgãos, considerando aspectos sobre o consentimento da doação, os sentimentos pós-consentimento, a motivação e a percepção das famílias pós-doação.

De acordo com a pesquisadora da FCM, o estudo vai ao encontro da literatura médica que investiga os fatores que interferem no processo de doação, como o descontentamento da família com o atendimento hospitalar, a dúvida em relação à morte encefálica do paciente, a demora na liberação do corpo para o funeral, o desconhecimento do desejo manifesto do doador (em vida), ou motivos religiosos. “Esse é um processo complexo, que envolve um conjunto de ações e procedimentos para transformar um potencial doador em doador efetivo. A família é a principal protagonista, já que é decisiva para que o transplante seja concretizado ou não”, afirma Marli.

Pesa contra a doação de órgãos, de acordo com informações extraídas das respostas dos familiares, a pouca sensibilidade da equipe médica na hora de comunicar a morte encefálica do paciente, e a ausência de suporte socioemocional diante da delicada situação vivenciada pela família.

“...acho que o médico não devia falar logo de cara sobre a doação. Devia esperar mais, né, não devia ser rápido assim, entendeu. Naquela hora eu não tinha forças, não queria ouvir mais, comecei a gritar...”

“...não recebemos apoio nem amparo nenhum, de nenhum serviço ou profissional. Se a gente tivesse um acompanhamento por parte do hospital onde a gente doou, pois, a gente vai passando por este momento difícil...”


Em contrapartida, explica Marli, as campanhas de incentivo à doação, veiculadas pelos meios de comunicação impactam de forma favorável à doação de órgãos.

“Especialmente as campanhas televisivas, em que o Sistema Nacional de Transplantes (SNT) procura sensibilizar e incentivar a população a consentir com a doação de órgãos”, destaca a pesquisadora.

“...eu vi na TV e fiquei feliz, eu pensei: fui doadora do meu filho, a gente só vê pessoa que recebeu órgãos falando a respeito. Acho que a família doadora é que deveria ser propaganda para incentivar a doação. Se me chamassem eu falava....”

A partir dos dados da pesquisa, Marli espera que outras práticas de Atenção e

Gestão na saúde possam ser discutidas, entre as quais, o trabalho em rede da Organização de Procura de Órgãos, que envolve as famílias de potenciais doadores e doadores efetivos; as Unidades Básicas de Saúde e o Centro Referência de Assistência Social, no sentido de oferecerem apoio psicossocial, e assim, impactar no fortalecimento dos vínculos familiares pós-doação e nos índices de captação de órgãos.

“A Política Nacional de Transplantes precisa incluir o apoio socioemocional e transcultural aos familiares de potenciais doadores. O papel do assistente social, do enfermeiro e do psicólogo neste processo foi enfatizado e a inclusão destes, no processo pós-doação, deve ser repensada na política de saúde”, conclui. 

Você sabia?

Gerenciamento: no Brasil, a doação de órgãos é gerenciada pelo Sistema Nacional de Transplantes, do Ministério da Saúde, e é regulamentada por leis e protocolos que primam pela excelência dos serviços captadores. Na Unicamp, o serviço captador de órgãos e tecidos para transplantes recebe o nome de Organização de Procura de Órgãos para Transplante, e funciona no Hospital de Clínicas.

Pelo bem da ciência: é possível doar não apenas os órgãos, mas também o corpo inteiro, quando falamos em avanço do conhecimento científico. Para doar o corpo à área de Anatomia da Unicamp, por exemplo, basta que o doador em potencial manifeste esse desejo à família. Depois do óbito, são os familiares que manifestam à agência funerária, e esta, à Unicamp, o interesse em doar o cadáver para as atividades de ensino e pesquisa. Caso a doação seja aceita, os trâmites de traslado do corpo são discutidos com a família.

Título: Percepção das famílias de doadores de órgãos sobre o processo de doação

Autora: Marli Elisa Nascimento Fernandes

Orientadora: Ilka de Fátima Santana Ferreira Boin

Coorientadora: Zélia Zilda Lourenço de Camargo Bittencourt

Programa: Pós-Graduação em Ciências da Cirurgia

Texto: Camila Delmondes

Assessoria de Relações Públicas e Imprensa, FCM, Unicamp